 ISBN: 978-65-88884-36-2

EVASÃO ESCOLAR: UMA REALIDADE DE PESSOAS TRANS

ALEX REIS ALMEIDA; JOICE BARBOSA OLIVEIRA; MARIA SANDRA DE ASSUNÇÃO DA VEIGA VIANA RIBEIRO

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar quais os fatores internos e externos que levam a evasão escolar de pessoas trans no ambiente escolar. A importância do estudo reside no fato de identificar e discutir as causas que levam à evasão escolar de pessoas trans. Designa-se também entender e apontar o papel da famíliana evasão escolar dos alunos trans; destacar medidas de retenção para o aluno trans, quais metodologias e discussões são usadas no ambiente escolar para de fato se tornar um lugar, um espaço de afetividade e socialização. O trabalho foi desenvolvido com base em resultados de levantamentos bibliográficos, e a pesquisa quantitativa em análise documental. Os resultados mostram que a escola como espaço educacional precisa incluir no currículo as discussões sobre a diversidade de gênero e identidade, pois assim eleva-se o nível cultural e também melhora a capacidade e consciência coletiva da tolerância.

Palavras-chave: Evasão escolar; Educação; Diversidade; Transgêneros.

1 INTRODUÇÃO

A evasão escolar é uma realidade do ensino brasileiro e um desafio para instituições de ensino manter os alunos motivados a continuarem no ensino regular.Com a chegada da pandemia no Brasil em 13 de março de 2020, uma nova rotina foi sendo imposta ao cotidiano da população. Uma delas foi à suspensão das aulaspresenciais e o isolamento social, uma das medidas mais duras enfrentadas pela população. Um cenário que além de gerar um atraso incalculável para educação brasileira, movimentou ainda mais uma ocorrência bastante comum na educação: a evasão escolar.

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e doMinistério da Educação (MEC), os jovens de baixa renda que em sua maioria são negros, foram forçados precocemente a entrar no mercado de trabalho, ou que engravidam já na adolescência, formam um grupo de maior risco à evasão. Para Neri et al (2009) os percentuais que revelam os motivos ditos pelos próprios adolescentes para estarem fora da escola registrando 40% dos que participaram da entrevista aplicada pelo IBGE, apontam a falta de interesse em frequentar a escola e outros 27% alegaram a necessidade de trabalho e renda. Ainda conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE, 2020).

DOI: 10.51189/encoped/19560

Outros fatores que também contribuem para a desistência da escola são: dificuldade de aprendizado, repetências e uma relação de não proximidade entre professores e alunos podem levar o adolescente a abandonar a escola. Além da desmotivação e consequentemente a saída da escola e a ausência de professoresnas aulas.

Segundo a pesquisa PNAD feita em 2019, na média 29% da carga horária das escolas não é cumprida por falta de professores (IBGE, 2020). Um desperdício no processo ensinoe aprendizagem, que gera consequências para o cenário educacional brasileiro. Quando verificamos no cenário nacional a evasão e levando em consideração o gênero.

A partir dos dados da PNAD apontam diferentes motivos para a desistência: a faixa etária na qual a escolarização é obrigatória (4 a 17 anos), os meninos são maioria entre os estudantes fora da escola. Ao considerar a faixa etária do Ensino Fundamental (6 a 14 anos), a diferença da exclusão por gênero chega a ser 10% maior para os meninos. Por fim, a pesquisa ainda destacou que essa tendência se inverte no EnsinoMédio, entre os adolescentes de 15 a 17 anos o percentual de meninas fora da escola é maior, ainda que por uma margem pequena (IBGE, 2020).

Após apresentar um breve cenário da realidade da educação no contexto daevasão, um problema contido nessa mesma temática é a desistências de alunos trans, o que afunila ainda a temática da evasão escolar. Em um grupo específico de alunos essa delimitação ganha notoriedade, exatamente pela ausência de pessoas trans nas escolas públicas.

Os motivos da evasão são diversos um deles é a normativa do “armário”, o processo de esconder a orientação sexual, ou usar soluções comportamentais para ser aceito no meio escolar como destaca o autor: Tal regime de controle compõe um cenário de estresse, intimidação, assédio, agressões, não acolhimento e desqualificação permanentes, nos quais estudantes homossexuais ou transgênerossão frequentemente levados (as) a incorporar a necessidade de apresentarem um desempenho escolar irrepreensível, acima da média. Estudantes podem ser impelidos(as) a apresentarem “algo a mais” para quem sabe, serem tratados (as) como “iguais”. Sem obrigatoriamente perceber a internalização das exigências da pedagogia do armário, podem ser instados assumirem posturas voltadas ao fazer deles.

A motivação para investigar esse tema reside no fato de entender quais ascausas que levam a evasão escolar de pessoas trans. Nesse sentindo o trabalho teve como objetivo geral identificar os fatores internos e externos que levam à evasão escolar de pessoas trans. Objetivou-se especificamente também entendere apontar o papel da família na evasão escolar dos alunos trans e medidas de retenção para o aluno trans.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo tem como metodologia a revisão bibliográfica. Onde se destaca a releitura do conteúdo já existente sobre o tema, que possibilita um novo olhar científico a partir dos objetivos do mesmo. A revisão bibliográfica é, de forma geral conhecer as discussões de outros autores sobre o que possibilita uma nova escrita acerca do tema. Além da contribuição dos estudos de Paulo Freire (2005) aborda em sua teoria a educação libertadora onde o cidadão cria consciência social descobre o seu lugar para viver na sociedade com liberdade e representatividade, a educação libertadora aponta de um lado a educação tradicional e do outro a procura transformar a sociedade se adequando as particularidades de cada pessoa.

Dos instrumentos metodológicos a primeira etapa para realização do trabalho foi a partir da análise bibliográfica sobre temáticas como: diversidade degênero, percepção de gênero e identidade de gênero com base nas discussões em ambientes escolares. Assim sendo a revisão bibliográfica é uma valiosacontribuição das teorias já descritas de diferentes autores para a investigação científica, o que possibilita construir uma nova narrativa a partir das fundamentações teóricas já existentes, e com isso “a revisão bibliográfica é parte de um projeto

DOI: 10.51189/encoped/19560

 ISBN: 978-65-88884-36-2

de pesquisa, que revela explicitamente o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico" (SANTOS;CANDELORO, 2006, p. 43). A segunda etapa do trabalho focalizou-se no levantamento de dados secundários como documentos de instituições públicas referentes à análise das causas da evasão escolar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Brasil tem em sua trajetória uma realidade baseada no contexto histórico, com realidades diferentes, por conta de cada momento do processo vivido. Mas uma das perceções tornou-se comum ao logo da educação brasileira: o modelo de educação pensado para às classes populares sempre se mostram em segundo plano, uma educação domesticadora, elitista, que divide classes não sendo como prioridade uma educação democrática, libertadora, transformadora e de qualidade que na maioria das vezes tem a figura do próprio professor como mantenedor dessetipo de pedagogia, como destaca Freire (2000):

A prática pedagógica dos educadores é permeada pelo autoritarismo, dizendo aos educandos o que devem fazer e o que responder; portanto, elesvivenciam uma pedagogia da resposta. Não é permitido realizar críticas, assim como não se deve questionar e nem duvidar do professor – aquele quedetém o conhecimento e que irá depositá-lo no corpo "vazio" dos alunos. Issopelo fato de a educação bancária não buscar a conscientização dos educandos. Nesse caso, a educação "é puro treino, é pura transferência de conteúdo, é quase adestramento, é puro exercício de adaptação ao mundo" (FREIRE, 2000**,** p. 101).

Essa adaptação regida durante muitos anos acabou construindo muros, criando ambientes sem a inclusão da realidade social/popular e fez da educação com toda a sua magnitude, uma grande engrenagem para beneficiar a classe dominante e hegemônica em detrimento das classes populares com suas realidades.

Em resumo, a escola não aglutinava as diferenças de classe, de gênero e deorientação sexual. Ela se tornou um todo não fragmentado, com um currículo engessado e que tinha sempre como meta separar dominantes e dominados. Por conta dessa educação que se encontra no espaço da instituição escolar, o bom aluno, segundo Freire (2002, p.61), "é aquele que reproduz, que não pensa de forma crítica, que apenas se adapta e se acomoda aos padrões estabelecidos pelos currículos". Já o aluno, inquieto, que pergunta e que foge a didática bancária nem sempre é bem visto pela escola tradicional, que não abre espaço para um modelo deeducação autônoma e de produção de pensamento.

Na visão de Freire (2005, p.14), "uma pedagogia libertadora precisa ser feita com os oprimidos e não para os oprimidos". Com uma prática pedagógica libertadora, onde a educação não pode ser aquela que deposita, que visa o aprender na base da memorização, a que treina o aluno para aprender e não para apreender, tornando os alunos sujeitos da sociedade e não objetos sociais com formação tecnicista semcriticidade. Inconscientes e sujeitados da educação vertical que não reflete o papel do aluno, onde este deveria ser autônomo e livre para pensar.

> Se a educação tem a ver com a capacitação para o exercício da liberdade e da autonomia, a escola deve respeitar a singularidade individual e fomentá- la, sem discriminações, para todos. A educação deve preocupar-se em estimular diferenciações que não implicam desigualdades entre os estudantes; (...) a escola igual para todos, com a possibilidade de adquirir identidades singulares, o que significa priorizar a liberdade dos sujeitos na aprendizagem (SACRISTÁN; PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 77).

Diante desse cenário, distante da necessidade de aprender, excludente e repleto de preconceitos cotidianos, a educação não se torna acolhedora aosdiferentes. Por conta disso muitos alunos trans não suportam o ambiente hostil e nada acolhedor. O currículo escolar engessado, rígido e pensado para uma sociedade normativa não abre espaço para debates,

DOI: 10.51189/encoped/19560

 ISBN: 978-65-88884-36-2

diálogos sobre diferentes temas, entre eles a comunidade LGBTQIA+, mesmo essa comunidade se fazer presente em diferentes momentos da educação, tanto na contemporaneidade quanto no histórico da educação. A diferença entre o ontem e o hoje é que o tema antigamente era velado, obscuro e sentenciado como algo impuro, vergonhoso e até pouco tempo era considerado uma enfermidade, já que ser *gay* era ser portador de uma doença.

Atualmente a sociedade traz para dentro do ambiente escolar a necessidadede debater a vida, a vivência e associar o conteúdo escolar à prática social. E o professor deve ser, segundo a visão freiriana, o mediador entre a teoria e a prática.

> É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do Que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina. E de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal Maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um. Conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira. Como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando- se, sem o que não o aprende, o ensinam-te se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (FREIRE,2001, p. 17*).*

Assim sendo, mais uma vez recai ao professor a função de ser educador, apontar caminhos, provocar pensamentos, incentivar novas respostas e estimular uma aprendizagem que possa compatibilizar a teoria com a prática, baseada na autonomia do pensar do aluno e não como uma educação normativa para todos.

Nesse universo complexo de educação distante da realidade, engessada, excludente, divisora de igualdades e cheia de retalhos da equidade para tentar serigualitária, como as cotas por exemplo, surge ainda um outro desafio: incluir a família como responsável do processo educacional e da formação social do aluno. Mas esse é um desafio, porque a história da educação mostra a baixa escolaridade dos pais de alunos, além do desconhecimento da importância por parte dos pais em fazer parte da educação dos filhos em parceria com a escola. Mas fazer a família participar do universo escolar dos filhos ainda é um grande desafio,

já que a escola tecnicista continua apresentando números do seu objetivo: baixa escolaridade entre os pobres e a difícil continuidade de pessoas oriundas da pobreza no ambiente escolar cria um cenário que se reflete em números conforme dados do banco mundial:

> A parcela dos brasileiros nascidos na década de 1980 que, hoje, têm o ensino médio completo é 66,6%, quase o triplo dos 23,4% registrados entre seus pais. Quando a mesma comparação é feita com o ensino superior, essas fatias caem para, respetivamente, 26% e 11%. Além disso, entre a população de baixa renda, mesmo os pais que conquistaram um diploma universitário têm grande dificuldade em "transmitir" essa herança positiva para seus filhos. Entre os 20% mais pobres do país, apenas 27,7% dos filhos cujos pais tinham ensino superior, em 2014, atingiram essa mesma escolaridade. (FRAGA; BRIGATTI, 2021, p. 1).

Esses dados refletem exatamente a realidade da educação brasileira, onde abaixa escolaridade do país, reflete na ausência do acompanhamento dos filhos durante a vida escolar e a probabilidade de os filhos refletirem o histórico dos pais na ambiência escolar é muito grande, assegura o banco mundial.

E diante de um cenário complexo os alunos trans enfrentam também diferentes realidades na escola como rejeição em grupos de trabalhos, discriminação e *bullying*. O senado federal através da comissão de direitos da população LGBTQIA+ realizou uma pesquisa no ano de 2016 que traz os seguintes dados:

> Pesquisa com adolescentes brasileiros gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros mostra que 73% sofrem bullying e 37% já apanharam na escola. No Brasil, foram

DOI: 10.51189/encoped/19560

 ISBN: 978-65-88884-36-2

> ouvidos 1.016 estudantes de 13 a 21 anos. Sessenta por centro disseram se sentir inseguros na escola, 73% foram agredidos verbalmente, 48% ouvem comentários homofóbicos e 27% foram agredidos fisicamente. Já 36% acham a escola ineficaz para evitar agressões (AGÊNCIA SENADO, 2016).

Assim sendo, a escola tem uma dupla missão: trabalhar o conteúdo programático com os alunos conforme a realidade da comunidade escolar e inserir a família nesses diferentes temas, que muitas vezes não aparecem diretamente no currículo. Como orientação sexual, transgêneros, homofobia e tantos outros ligadosà causa da comunidade LGBTQIA+. Dessa maneira a família estaria recebendo informações a serem debatidas em casa com os filhos. E dessa maneira a família nãoteria sua ausência do processo de ensino, tão questionada.

> A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar. Afinal, por que até hoje em pleno século XXI a escola reclama da pouca ou insignificante participação da família na escola, na vida escolar de seus filhos? Seria uma confusão de papéis? Onde estaria escondido o ponto central desse dilema que se arrastam anos e anos? (GARCIA, 2006, p. 12).

Dessa forma, a escola como instituição socializadora, a família como primeiro contato social e a informação/saber podem mudar um contexto de discriminação *bullying* e abandono de alunos trans da educação regular.

4 CONCLUSÃO

Após uma investida científica para buscar informações sobre alunos trans e os motivos que os levam a desistir do ensino regular, este artigo apontou inicialmente a relevância do tema, passando então, a discorrer sobre o assunto e todo o cenário que o circunda, a fim de promover um ambiente favorável a estes cidadãos.

Durante a pesquisa de cunho de revisão bibliográfica constatou-se a pouca quantidade de estudos que revelam dados estatísticos da população trans no Brasil, o que de certa forma dificultou análises e relações. Com os poucos dados e uma literatura flutuando em estimativas, mesmo assim foi possível aglutinar informações importantes que clareiam o universo trans e trazem um melhor entendimento da vivência escolar de alunos trans e o que leva aos altos números de evasão escolar desses alunos.

REFERÊNCIAS

AGENCIA SENADO. **Pesquisa revela que adolescentes LGBT sofrem 'bullying' e se sentem inseguros.** 2016. Disponível em https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/11/22/pesquisa- revela-que-adolescentes-lgbt-sofrem-bullying-e-se-sentem-inseguros. Acesso em: 10 nov. 2022.

FRAGA, Érica; BRIGATTI, Fernanda**. No Brasil, chance de filho repetir baixa escolaridade do pai é o dobro dos EUA**. 2021. Disponível em: https://br.financas.yahoo.com/noticias/no-brasil-chance-filho-repetir-160500540.html. Acesso em: 10 set. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_ **Política e educação:** ensaios. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

DOI: 10.51189/encoped/19560

 ISBN: 978-65-88884-36-2

Ação cultural para a liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GARCIA, E. G. VEIGA, E.C**. Psicopedagogia e a teoria modular da mente.** SãoJosé dos Campos: Pulso. 2006.

IBGE, (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA). Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio. Módulo Educação, da **PNAD Contínua 2019**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques. Acesso em: 10 out. 2022.

NERI, Marcelo Cortês. **Tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE/CPS, 2009.

SACRISTÁN J. G.; PÉREZ GÓMEZ A. I. **Compreender e transformar o ensino**.Porto Alegre: ArtMed, 2001.

SANTOS, V. D.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos**: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre: AGE Ltda, 2006.

DOI: 10.51189/encoped/19560